

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **JOÃO DE MEIRA, AUTOR DE "PREGÕES NICOLINOS".**

SILVA, Lino Moreira da

Ano: 2012-2013 | Número: 122-123

---

### **Como citar este documento:**

SILVA, Lino Moreira da, João de Meira, autor de "Pregões Nicolinos". *Revista de Guimarães*, 122-123 Jan.-Dez. 2012-2013, p. 103-118.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# JOÃO DE MEIRA, AUTOR DE “PREGÕES NICOLINOS”

---

Lino Moreira da Silva<sup>1</sup>

## Resumo

O autor começa por enunciar três ‘palavras prévias’, envolvendo as Festas Nicolinas: a sua realidade, as suas especificidades, a necessidade da sua credibilização e instituição como objecto de estudo, a sua relação com João de Meira e o prestimoso contributo de Meira, para com elas.

Propõe que a Sociedade Martins Sarmento promova, anualmente, um ‘Encontro’ com o fim específico de gerar fundamentação precisa e séria sobre as Festas Nicolinas, a fim de elas serem dotadas com mais conhecimento, nomeadamente para melhor se prepararem para o reconhecimento, pela Unesco, como Património Imaterial da Humanidade.

Assinala, também, que a designação de ‘Festas Nicolinas’ deveria ter sido, não essa, mas a de “Festas Nicolaínas”, que não vingou. E foi João de Meira quem fez, pela primeira vez, o registo de “Festas Nicolinas”.

Refere, ainda, alguns tratamentos indevidos com que têm sido confundidas estas festas seculares, como a sua redução a ‘casuística’, ‘alcooolismo’, ‘instabilidade’, ‘confusão’.

Reporta-se, em seguida, aos 3 “Pregões Escolásticos” (1903, 1904, 1905) que João de Meira escreveu, e às especificidades que esses Pregões encerram, integrando-os na realidade nicolina, quanto a estrutura, elementos constituintes e particularidades.

Deixa, por fim, documentada, com breves passagens, a grande valia literária e sócio-cultural dos Pregões escritos por João de Meira.

**Palavras-chave:** Festas Nicolinas. Pregões Nicolinos. João de Meira. São Nicolau.

Peço licença para iniciar a minha intervenção, nesta Sessão de Homenagem a João de Meira, com três ‘palavras’ prévias.

PRIMEIRA PALAVRA – Saúdo a nova Direcção da Sociedade Martins Sarmento, pelo sentido de serviço que demonstrou ao assumir a liderança desta grandiosa Instituição, em mais um momento delicado, por que ela passa, na sua existência centenária.

Faço os maiores votos para que atinja, e até supere, os objectivos a que se propôs – por si mesma, e porque, ao atingi-los (ao superá-los), trará grandes benefícios para Guimarães.

---

<sup>1</sup> Universidade do Minho - llinomoreira@gmail.com.

Ao mesmo tempo, felicito a nova Direcção da Sociedade Martins Sarmento pela presente iniciativa – pois, com ela, ao prestar merecida homenagem a João de Meira (1881-1913), está a celebrar as Festas Nicolinas, o que acontece, nesta Casa, pela primeira vez.

SEGUNDA PALAVRA – Homenagear João de Meira também é celebrar as Festas Nicolinas – pelas profundas ligações que João de Meira teve com elas.

Entre outros aspectos que foram objecto da sua paixão (em tudo aquilo em que se envolveu, Meira revelou, sempre, um comportamento apaixonado), João de Meira foi vivente das Nicolinas, historiador das Nicolinas, poeta das Nicolinas, crítico das Nicolinas, interventor criativo nas Nicolinas, visionário das Nicolinas, autor de Pregões Nicolinos...

E as Festas Nicolinas necessitam de muitas oportunidades como esta.

Está em causa, antes de mais e acima de tudo, a credibilização e a perenização das próprias Festas.

Para isso, são necessários contributos de dois tipos: sobre as vivências Nicolinas (trabalhos emotivos, biográficos, circunstanciais, memoriais...), mas também trabalhos de investigação, envolvendo a história, a etno-história, a antropologia, a religião, a arte, a literatura, a música, etc..

Das vivências, têm-se encarregado, e globalmente bem, diversos Velhos Nicolinos.

Da verdadeira investigação (com rigor e seriedade, com a procura de fontes seguras, longe da mera reposição tautológica do que já existe, sem afirmações avulsas e/ou ficcionadas, e sobretudo sem os plágios descarados e os pastiches de mau gosto que se vão praticando por aí) – da verdadeira investigação, isenta e honesta, que firme o que são, verdadeiramente, as Festas Nicolinas, continua a haver muita falta.

Os dois tipos de contributos, os vivenciais e os eruditos, com especialização de temas e enfoques plurais, envolvendo a globalidade das Festas ou partes delas, são imprescindíveis.

E por isso, peço licença, como sócio desta magnífica Instituição, para propor que, anualmente, por esta altura, seja realizado um Encontro Nicolino, com este ou outro formato, sempre numa perspectiva de abordagem plural, para se captarem colaborações (nomeadamente académicas) e renovarem e aprofundarem conhecimentos sobre as Festas dos Estudantes de Guimarães.

De minha parte, aqui me proponho aparecer, na linha da frente, a prestar o meu modesto, mas dedicado, contributo.

Quanto à candidatura das Festas Nicolinas ao galardão de Património Imaterial da Humanidade (SILVA, 2010:12), da Unesco, ela não está (não pode estar) esquecida.

É claro que a procura da sua atribuição não pode ser, de modo algum, obsessiva, para os Nicolinos, nem para Guimarães.

Mas trata-se de um galardão merecido, e necessário, para as Festas Nicolinas.

É merecido, pela grandeza e a singularidade que estas Festas possuem.

Entre ainda outros aspectos (SILVA, 2003:6), são únicas e irrepitidas; surgiram da confluência de incorporações de muito tipo, lançadas sobre as sementes da devoção a São Nicolau, trazidas, para Guimarães, pelos romeiros de Santiago de Compostela, nas visitas que fizeram ao Santuário da Senhora da Oliveira, depois que este foi dotado de grande força religiosa e cultural (séc. XV), por D. João I; são exemplo da interligação do religioso com o profano, com supremacia do profano, mas sem nunca se desligarem do envolvimento religioso (início das Novenas da Senhora da Conceição, a 29 de Novembro, e dia de São Nicolau, a 6 de Dezembro) que as originou (SILVA, 1991; SILVA, 1994); desenvolveram ‘Números Nicolinos’ de grande simbologia e relevância cultural, que evoluíram, até atingirem a maturidade actual (CARVALHO, 1956; SILVA, 1991); incorporaram usos, costumes e tradições, locais, regionais, nacionais e globais; são as festas dos valores nicolinos: o amor e a amizade, a memória e o tributo, o trabalho e o estudo, o respeito e a solidariedade, a confraternização e o reencontro, a tradição e a saudade; ligaram a tradição e a cultura à economia da região (por exemplo, a mostra de juntas de bois, que chegaram a ser muitas dezenas, no Número do Pinheiro), contribuindo para ela; deram origem às Festas Gualterianas (SILVA, 2005:6), estimuladas pelo desejo, dos caixeiros, de terem festa própria...

Esse galardão é necessário, porque as Festas Nicolinas precisam de expansão e reconhecimento; há défice de consciência e de memória nicolina; há défice de literacia nicolina, sobretudo entre os mais jovens; há afirmações que se fazem, nomeadamente na imprensa, que não têm qualquer fundo de verdade, mas ficam registadas, sem desmentido; há deturpações graves do que se conhece, praticadas sem qualquer sustentabilidade; há escritos, sem fundamentação, que se limitam a ficcionar e a efabular, pondo a verdade das Festas em perigo; há necessidade de dar passos adiante no conhecimento rigoroso, fundamentado, estruturado, sobre o que estas Festas foram, e são, divulgando-o.

E o galardão de Património Imaterial da Humanidade será relevantíssimo, para responder a tudo isso.

Como se sabe, e porque há tramitações legais a cumprir, essa candidatura passa, obrigatoriamente, pela intervenção do poder político, que deve a Guimarães e às Festas Nicolinas o maior empenhamento, para esse fim.

Só com estes contributos, diversos e plurais, as Festas Nicolinas poderão atingir esse objectivo, e muito para além dele, e independentemente dele, exprimir todo o seu valor, e Guimarães retirar delas o maior proveito: sem dúvida e, antes

de mais, como símbolo da sua identidade e força cultural, mas também a outros níveis, não menos relevantes, como: o reforço da expressão cultural local, a dinamização interna e externa da realidade cultural local, a promoção do que é produzido localmente, o incentivo ao comércio local e artesanal, a dinamização do turismo, da hotelaria, da restauração, etc..

Ou seja: por essas vias, contribuiremos para o engrandecimento e a preservação deste património que herdámos, para, ao mesmo tempo, nos realizarmos com ele e tirarmos partido dele, em favor dos interesses de Guimarães.

Neste importantíssimo capítulo, com responsabilidades para todos nós, está quase tudo por fazer, envolvendo as Festas Nicolinas.

TERCEIRA PALAVRA – Sendo, embora, João de Meira, hoje e aqui, objecto desta justa e merecida homenagem, por parte desta extraordinária Instituição, ele não deixa de ser um filho de Guimarães, e enquanto tal... um vimaranense com muita ‘sorte’.

Digo isto porque tomo como referência a passagem recente do centenário do Abade de Tagilde (1853-1912), outro vulto ilustríssimo da cultura vimaranense, que, em Guimarães, passou totalmente despercebida.

Pois o Abade de Tagilde foi padre; historiador (o maior historiador que Guimarães teve até aos dias de hoje, autor dos ‘Vimaranis Monumenta Historica’); arqueólogo; político; jornalista; fundador de jornais locais; Presidente da Câmara de Guimarães e seu Vereador; Presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento; director da ‘Revista de Guimarães’ e colaborador em muitos dos seus números; promotor dos valores e dos interesses vimaranenses; conservador de memórias nicolinas; empossante do Presidente da Comissão Administrativa para a Câmara de Guimarães, em 1910, na transição do regime monárquico para o republicano; autor de obras fundamentais sobre a cultura vimaranense; etc., etc. – mas o seu centenário foi absolutamente esquecido.

E nem a GCEC 2012 lhe valeu – apesar de se ter apresentado como ‘oportunidade única’ para pôr, no ‘mapa do mundo’, o que de melhor existia em Guimarães...

Era um mínimo acto de justiça, a celebração do centenário do Abade de Tagilde, pelo que ele deu a Guimarães, numa breve sessão pública que fosse.

Mas assim não se fez – e eu não me posso conformar com isso.

Por isso refiro João de Meira, como um vimaranense com muita ‘sorte’.

\*

Ao introduzir o tema que me proponho tratar, seja-me permitida uma brevíssima consideração acerca da pessoa de João de Meira.

É capaz de ser mesmo verdade, como escreveu Fernando Pessoa, glosando um dizer antigo, que “os deuses amam os que morrem jovens, porque o absoluto é a sua medida”; e que, como escreveu Eduardo de Almeida, João de Meira partiu cedo desta vida, porque a tomou, desde muito cedo, demasiado a sério...

Mas confesso que fico desconcertado, por ver que partiu, levando consigo tantos sonhos por cumprir, com apenas 32 anos de idade.

Não ficou, por mais tempo, fisicamente, a sua pessoa, mas ficou, para sempre, o seu exemplo de carácter, de dedicação ao trabalho e ao saber, do bom bairrismo vimaranense.

Ficou a sua alma a cintilar, orientando a nossa, para nos envolvermos, empenhadamente, na vida, nos realizarmos com ela, e continuarmos a fazer crescer Guimarães.

\*

Falar de João de Meira autor de “Pregões Nicolinos” exigiria uma contextualização que não tenho condições de fazer, aqui (MEIRA, 1905; CARVALHO, 1956; SILVA, 1991).

Mas reitero (já o desenvolvi, noutros locais) que:

#### AS FESTAS NICOLINAS SÃO UM ‘MILAGRE CULTURAL’ OFERECIDO A GUIMARÃES.

Outras terras dispuseram de ingredientes culturais idênticos aos que surgiram em Guimarães; mas estes enraizaram-se e combinaram-se, em Guimarães, como não se verificou em mais nenhum local, dando origem às únicas e irrepetidas Festas Nicolinas.

Isto não se explica racionalmente, constata-se, e só se pode compreender por via desse enorme ‘milagre cultural’ oferecido a Guimarães.

E entre as consequências desse ‘milagre cultural’, estão os Pregões Nicolinos.

\*

Os Pregões Nicolinos têm longa tradição.

Surgiram por confluência plural de interferências diversas, como a tradição dos pregões populares, a tradição dos pregões oficiais, as marcas dos antigos ‘sermões burlescos’, a tradição medieval dos ‘testamentos carnavalescos’, os ‘discursos’ e as ‘lições’..., a Revolução Francesa e toda a envolvência revolucionária que a acompanhou, a influência dos poemas herói-cômicos, as práticas do liberalismo (período político-social muito conturbado, marcado por vigências da censura e cortes na liberdade de expressão, o que acicatava o espírito reivindicativo dos estudantes)... (SILVA, 2000:72).

O Pregão mais antigo que se conhece data de 1817, mas a realidade indicia que outros Pregões o terão antecedido – e ou se perderam, ou não foram, simplesmente, passados ao papel.

Apresentando o programa das Festas dos Estudantes, o Pregão precedia a festa do dia 6 de Dezembro (realizando-se a 5) e era proferido por um Pregoeiro, a cavalo, trajado de capa e batina e luvas brancas, acompanhado por estudantes a zabumbar.

O bando saía de junto do Pinheiro e percorria as ruas da vila/cidade, visitando, ainda, algumas casas particulares, recolhendo ao teatro (com destaque para o Teatro D. Afonso Henriques, no Campo da Feira, no tempo em que esteve activo – entre 1855 e 1936).

Actualmente, o Pregão sai do Campo da Feira (das proximidades do local onde o Pinheiro foi levantado), vai à Câmara Municipal, ao antigo Liceu (hoje, Escola Secundária Martins Sarmento), ao espaço da antiga Loja da Senhora Aninhas<sup>2</sup>, à Associação dos Antigos Estudantes e ao Largo do Toural.

Compostos em estilo ‘retórico’ e ‘emplumado’ e, predominantemente, em versos decassilábicos e alexandrinos, os Pregões Nicolinos versam, tradicionalmente, assuntos académicos e da Festa dos Estudantes; temas mitológicos; temas do quotidiano escolar; acontecimentos e vivências da vila/cidade, do país e do mundo; vivências dos Nicolinos do passado e dos Nicolinos do ‘presente’.

E ainda outros temas: a fugacidade da juventude e a necessidade de aproveitar o presente e os prazeres da vida; a saudade, a memória e as tradições; a política, a economia e a sociedade; as damas de Guimarães (as donzelas, as esposas e as mães); as tricanas (as raparigas do povo, as costureiras, as operárias, as criadas de cozinha e ‘de dentro’...); os caixeiros e os castigos a que eram sujeitos, se interferissem nas festas; a folia dos zabumbas e da sua orquestra; os temas da actualidade (transformações, circunstâncias do quotidiano, notícias dos jornais...); o futebol (o Vitória – o Torinha, o Branquinho...); a história local; personagens históricas; crítica pessoal e social...

Sem terem uma estrutura fixa (SILVA, 2000:75), os Pregões contêm, tradicionalmente, aspectos como: apresentação ao povo, apelo a Guimarães e exaltação da terra, elogio de São Nicolau e de tudo o que o Santo representa para os estudantes, referências à mitologia clássica e a outros motivos culturais, alusão a realidades da época, avisos e ameaças aos futricas, dedicação às damas e culto do amor, apelo à energia dos tocadores de zabumba, amigos do Pregoeiro, acompanhantes do Pregão.

Muitos dos Pregões Nicolinos são obras-primas de arte e primor literário. Estão nesse caso os Pregões escritos por João de Meira.

---

<sup>2</sup> A Senhora Aninhas foi uma figura ‘real’, tornando-se lendária, para os Nicolinos, pelo que fez em favor de muitos deles (SILVA, 1992).

\*

João de Meira escreveu o texto de 3 Pregões, para as Festas Nicolinas – 1903, 1904, 1905, denominando-os “Pregões Escolásticos”, no sentido de “pregões escolares”, por se reportarem a uma festa de estudantes.

Para os designar assim, Meira recuou meio século, ao “Pregão Escolástico” de 1854, da autoria de Martins Sarmento, e de lá importou este designativo.

Não aparece, nenhuma vez, nos Pregões conhecidos, a denominação de “Pregão Nicolino”. Mas na necessidade de existir um designativo geral para abarcar todos os designativos específicos por que são referenciados os Pregões, este será o mais adequado, e por isso grafei com aspas, “Pregões Nicolinos”, no título do presente texto.

A pesar na situação, está o facto de, tanto quanto sabemos, hoje, só no Pregão de 1904, de João de Meira, aparecer, pela primeira vez, o termo “nicolino”, aplicado à “música da Festa Nicolina”, a possante ressoada rítmica da orquestra dos tambores.

João de Meira foi ao Pregão de 1899, da autoria de Bráulio Caldas, onde se fala na “jurisprudência nicolauina”, para, de “nicolauina”, formar o termo “nicolina”<sup>3</sup>.

Logo no Pregão de 1906, aparece a designação de “Festas Nicolinas”, fazendo vingar o termo “nicolino” – e o que vinga, mesmo sendo excepção, passa a estar justificado.

Mas não posso deixar de referir que estamos perante uma transgressão de regras de formação das palavras.

Nicolau provém do grego, Νικόλαος, Νικόλαου (νίκη, vitória; λαός, povo), através do latim, Nicolaus, Nicolai.

É certo que, em grego, “a raiz da 2ª declinação termina em -ο” (GOODWIN, 1963:41) e o nominativo do singular termina em -ος; mas a palavra chegou até nós por via do latim.

Além disso, em grego já era admitida (BAILLY, 1950:1329) a forma contraída Νικόλας.

E é assim que, da raiz latina ‘Nicola-’, acrescentando-se-lhe o morfema/sufixo -inas<sup>4</sup>, é esperado o termo ‘Nicoláinas’.

Deste modo, as Festas Nicolinas deveriam designar-se ‘Festas Nicoláinas’.

Mas assim não é, o que mostra que as ‘boas regras’ da formação das palavras são, por vezes, suplantadas pelo uso – e por isso, vivam as... Festas Nicolinas!

<sup>3</sup> Não é rigoroso falar em ‘Festas Nicolinas’ (Festas dos Estudantes de Guimarães), antes do início do séc. XX. É no Pregão de 1904, da autoria de João de Meira (A.A.E.L.G., 1997), que aparece, pela primeira vez, referida a “Festa Nicolina”. Mas o termo é, hoje, uma ‘referência’, para as Festas, passando a designá-las, genericamente.

<sup>4</sup> Aqui, o sufixo -ino exprime proveniência e posse. Nicolino é o que vem de São Nicolau e lhe pertence, o que segue São Nicolau e se acolhe a ele.



\*

Intento, agora, salientar o que mais se destaca nos 3 Pregões de João de Meira, tomando-os como um *corpus* global –, sendo que, pelas limitações de espaço que me são impostas, não me é possível ir muito além da sua enunciação.

É esta, em síntese, a estrutura global dos 3 Pregões meirianos:

1. Invocação, 2. Apresentação de cumprimentos, 3. Melhoramentos e crítica, 4. Solidariedade nicolina, 5. Interpelações, 6. Apelo aos zabumbas.

Consideremos, sumariamente, cada um destes pontos.

### **1. Invocação**

A invocação aparece, nos Pregões Nicolinos, por importação dos pregões públicos/institucionais, mas também por influência literária, com relevo para a epopeia camonianiana, bem conhecida dos estudantes.

A Invocação, nos 3 Pregões meirianos, é de 5 tipos: Invocação às Festas (1903), Invocação a Palas Ateneia (1903), Invocação a São Nicolau (1903, 1904, 1905), Invocação a Bráulio Caldas (1905), Invocação à alegria da mocidade (1905).

Refiro, sumariamente, as invocações feitas.

#### **1.1. Invocação às Festas (Pregão de 1903)**

O Pregão integra-se na “moda” dos centenários, que ocupou o final do século XIX, por influência da Universidade de Coimbra. Aí, os estudantes celebraram<sup>5</sup> o 3º centenário da morte de Camões (1880), o 1º centenário da morte do Marquês de Pombal (1882), o 5º centenário do nascimento do Infante D. Henrique (1894), o 7º centenário do nascimento de Santo António (1895), o 2º centenário da morte do Padre António Vieira (1897), o 4º centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia (1898), o 3º Centenário da Sebenta (1899).

Mas as Festas dos Estudantes são apresentadas como as “festas de centenário” por excelência, superiores a todas as outras, mesmo as coimbrãs.

#### **1.2. Invocação a Palas Ateneia (Pregão de 1903)**

A deusa grega, Palas Ateneia, filha de Zeus. Os romanos designaram-na por Minerva, a deusa da sabedoria, do estudo e do sucesso, e por isso foi adoptada, pelos estudantes, como sua protectora.

---

<sup>5</sup> Estes centenários foram reforçados com a publicação de jornais de temática alusiva. Por exemplo: Centenário do Marquês de Pombal (1882), Centenário da Índia (1898), Centenário da Sebenta (1899-1902).

### 1.3. Invocação a São Nicolau (Pregões de 1903, 1904, 1905)

O Pregão de 1903 esclarece uma razão essencial na formação de qualquer festa: o santo cultuado (com missa, sermão, procissão, promessas...) é uma oportunidade para a folia e a diversão. Os estudantes vêm, em São Nicolau, um pretexto para fazerem a festa. Eles amam muito São Nicolau, mas o que mais querem é festejar, divertir-se, hilaridade.

Em 1904<sup>6</sup>, Meira representa, numa bela imagem, o “grande Nicolau”, sentado junto de Deus, a proteger os estudantes dos ímpetos dos professores mais duros<sup>7</sup>.

No Pregão de 1905, Meira representa, noutra bela imagem, São Nicolau dirigindo “um riso de alegria” aos Estudantes e “à terra linda e branda / Que tanto e tanto o ama e o sabe festejar” (Guimarães).

### 1.4. Invocação a Bráulio Caldas (Pregão de 1905)

Bráulio Caldas<sup>8</sup>, triste, “um momento abandona a Deus Nosso Senhor”, e vai olhar o mundo, sobre o ombro do sorridente Nicolau.

Bráulio tinha morrido, com 44 anos de idade, em 17 de Outubro desse mesmo ano, a pouco mais de um mês de ser proferido o Pregão.

Esta é a homenagem sentida, de João de Meira, ao amigo que ele muito admirava.

### 1.5. Invocação à Alegria da Mocidade (Pregão de 1905)

Apesar da tristeza causada pela morte de Bráulio Caldas, João de Meira procura levantar os ânimos, e incentiva a mocidade à alegria e à diversão.

## 2. Apresentação de Cumprimentos

Perante a importância da imprensa, no início do século XX, e fazendo jus à delicadeza nicolina, João de Meira apresenta um “cumprimento à imprensa”, no Pregão de 1903.

---

<sup>6</sup> O Pregão de 1904 é dedicado, por João de Meira, à memória de Agostinho Vicente Ferreira de Castro e Freitas, que foi preso, em 1825, por “ter escrito” o Pregão (que não chegou até nós). A. L. de Carvalho (1956:137) diz que Agostinho Vicente foi recitador, e não autor. O caso de Agostinho Vicente correu bem, porque, levado ao juiz, saiu, não só sem pena, como “com homenagem, para sua casa... em atenção às suas qualidades” (CARVALHO, 1956:137).

<sup>7</sup> Por esta altura (início do século XX), exerciam funções docentes, no Liceu (em Santa Clara), entre outros, os Cónegos Aarão, Vasconcelos, António Ribeiro, Miranda, Gaspar Queirós, José Maria Gomes, Bacelar, Moreira Júnior, Sanches, Touqueiro... que nem sempre se revelavam compreensivos, quanto às festas dos estudantes.

<sup>8</sup> Bráulio Lauro Pereira da Silva Caldas (1861-1905), vizelense. Licenciado em Direito e Teologia, pela Universidade de Coimbra, foi professor (liceu de Braga), poeta e jornalista. Fundou o jornal O Vizelense, que teve a duração de 6 números. A Bráulio Caldas, que João de Meira tanto admirava, deve-se, entre mais inovações, a inclusão de Introduções, nos Pregões Nicolinos.

Mas a sua intenção vai mais longe do que isso: ele pretende, sobretudo, impedir que o “Burgo Podre” venha “impeticar com a festa”.

O “Burgo Podre” foi um “panfleto em prosa e verso”, prosa de Eduardo de Almeida e verso de Alfredo Pimenta, então estudantes de Coimbra, que se publicou, em Guimarães, entre 1902 e 1903. Quem estivesse fora dos seus parâmetros de pensamento e escrita não se livrava de ser vivamente fustigado. Era isso que Meira não queria, e também por isso faz vénia à imprensa.

### **3. Melhoramentos e Crítica**

Os melhoramentos na cidade são referidos apenas no Pregão de 1903, sendo 3 os pontos focados: a electricidade, o fardamento da Polícia e a Escola da Cristina.

#### **3.1. A Electricidade**

Em 16 de Agosto de 1903, num barracão do Campo da Feira, foi inaugurada a energia eléctrica, em Guimarães. Mas o serviço era “péssimo”, gerando fortes críticas, entre elas a de João de Meira, no Pregão.

#### **3.2. O Fardamento da Polícia**

Em 1903, foi instalado, em Guimarães, “um corpo de polícia bem organizado”, passando os polícias a ter fardamento novo, com revólver, sabre e bacamarte, podendo, assim, pela sua postura, namorar as criadas, com mais sucesso.

#### **3.3. A Escola da Cristina**

O terceiro melhoramento referido, no Pregão, foi a criação de uma nova escola, em Guimarães, a Escola da Cristina.

Trata-se de uma escola agrícola, integrada no espírito das ‘escolas móveis’, instituída em princípios do século XX (1903).

Antes de Guimarães, a Escola da Cristina existiu em Rio Tinto (1901) e em Famalicão (1902).

Este é um interessante recorte histórico, feito por João de Meira, no Pregão, que mostra como, em Guimarães, a iniciativa da ‘Escola da Cristina’ foi bem recebida e considerada uma excelente inovação.

### **4. Solidariedade Nicolina**

Ainda no Pregão de 1903, aparece em destaque a figura de Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio (1872-1954), um dos maiores apaixonados, de sempre, pelas Festas Nicolinas.

Não era “Nicolino” (foi tesoureiro da Câmara e jornalista), o que o desgostava muito.

João de Meira, no Pregão de 1903, num gesto de solidariedade nicolina, procura consolá-lo, por isso.

## 5. Interpelações

São 3 as interpelações contidas nos 3 Pregões meirianos: aos caixeiros, às tricanas e às damas.

Estas entidades estão presentes na globalidade dos Pregões, e são figuras centrais, nas Festas Nicolinas.

### 5.1. Interpelação aos Caixeiros

No Pregão de 1903, Meira propõe um pacto entre os estudantes e os tradicionais intrometidos nas Festas, os caixeiros: se estes não interferirem nas Festas, os estudantes não os levarão ao banho, no chafariz.

O chafariz, apesar de já estar no Largo do Carmo, para onde foi transferido, desde o Tournal, em 1891, continuava a servir de castigo para os intrometidos.

No Pregão de 1904, retoma-se a mesma ideia. Mas um elemento novo surge, aqui, a propósito dos caixeiros: a sua qualidade de fumadores, exibindo-se, com o apreciado charuto Reinita, que eles apagavam e reacendiam, nas horas solenes, para o fazerem durar muito.

Mas tinham de contar com a lei da anti-fumista (a Sociedade Anti-Fumista de Guimarães<sup>9</sup>), apoiada pelos patrões, que eles tinham de respeitar.

No Pregão de 1905, refere-se que, sempre que os caixeiros se zangaram com os estudantes, não tiveram razão. Mostrando-se duros, os estudantes apenas defenderam as suas Festas, em que os caixeiros não eram autorizados a entrar.

Desta ligação dos Estudantes com os caixeiros, e da ambição destes últimos em participarem nas festas estudantis, resultaram as Festas Gualterianas, cujo surgimento está profundamente ligado às Festas Nicolinas (SILVA, 2005:6).

### 5.2. Interpelação às Tricanas

No Pregão de 1903, diz-se que as tricanas, as “tricaninhas gentis”, são muito queridas pelos estudantes. Mas não passam de amores de circunstância. Os estudantes são como a abelha que “anda a libar o mel de flor em flor”. Por isso elas não se devem fiar neles.

No Pregão de 1904, João de Meira refere as costureiras de casas comerciais

---

<sup>9</sup> A Sociedade Anti-Fumista foi instituída, em Guimarães, em 1903, propondo-se combater o ‘vício do tabaco’, pelos males e doenças que produzia. O seu Compromisso foi assinado em 1904 (FARIA, *passim*), tendo sido muito contestado pelos caixeiros.

de Guimarães e faz crítica ao atraso na construção da linha de comboio para Fafe, que só foi inaugurada em 1907.

No Pregão de 1905, Meira convida as “raparigas” a saírem com ele, “à festa, à noite, pela treva”, porque “a pândega é o melhor que a gente de cá leva”.

### **5.3. Interpelação às Damas**

Com as damas, que os estudantes cultuam, estamos perante a mulher hiperbolizada, divinizada, absolutizada.

Tal se deve a influências do Romantismo, acrescidas de conceptualizações introduzidas pelo viver da burguesia, ao mitificar o casamento e as relações matrimoniais.

É entre as damas que os estudantes esperam encontrar um amor à altura dos seus pergaminhos, para o acto sagrado do casamento.

Mostram-se submissos, perante elas, situados num patamar relacional inferior. Ao dirigirem-se-lhes, eles têm consciência da gravidade do seu atrevimento, mas não conseguem controlar o coração.

Esta vassalagem amorosa, que é fundada nos tempos medievais (remonta às cantigas de amor e ao preto medieval), passando pelo classicismo (a mulher petrarquista camoniana, idealizada, harmoniosa, de beleza extrema) e pelo Romantismo (a “mulher anjo”), marca a relação entre os estudantes e as damas, revelando-se um dos aspectos culturais mais interessantes na contextualização das Festas Nicolinas.

E se, nas damas, podemos ver a mulher idealizada, só acessível no casamento, nas tricanas (as naturais namoradas dos futricas) encontramos a mulher simples, do povo, disponível, pronta para servir os estudantes.

## **6. Apelo aos Zabumbas**

Por último, a fechar o Pregão, aparece o apelo à acção dos tocadores de zabumba, a que a linguagem de Meira dá empolgação e força épica.

Os zabumbas, fazedores de ruído, são um dos símbolos mais poderosos das Festas, pois anulam, provocatoriamente, o silêncio e a quietude, e obrigam ao movimento, à acção, à folia, à... festa.

\*

## A Valia dos Pregões Meirianos

Fazendo uma apreciação da valia dos 3 Pregões meirianos, eles representam uma tentativa conseguida de valorização estética deste Número Nicolino.

Seguindo as pisadas de Bráulio Caldas, João de Meira pretendeu afirmar o Pregão como um texto com inequívocas marcas nicolinas (graciosidade, afetividade, homenagem a Guimarães, integração na tradição, temas acadêmicos, valores nicolinos...), mas também dotá-lo de marcas estético-literárias que o distinguíssem de outros textos meramente jocosos e festivos.

Dessa tentativa resultaram 3 grandes monumentos de poesia e encanto.

Sem prejuízo de outras ocasiões em que os Pregões Nicolinos atingiram grande esplendor de realização literária, os 3 Pregões meirianos são do que melhor se escreveu, a esse nível, até hoje.

Promissores que eram todos os seus contributos, até por isto a passagem de João de Meira, pela vida, a correr, me deixa (nos deixa) com pena, por ele não ter podido concretizar, ainda, outros sonhos.

Com os seus Pregões, João de Meira elevou o Pregão Nicolino ao mais alto patamar comunicativo, expressivo e estético, da sensibilidade fina da literatura.

Como exemplo, seja-me permitido referir duas passagens, entre outras, em que isto se verifica.

A primeira, retirada do Pregão de 1905, é dirigida à memória de Bráulio Caldas. Há uma pergunta e uma resposta – “Quem é que?... “É o Bráulio...”)

Peço que reparem no ambiente idílico criado, na ficcionalidade instituída, na musicalidade de rasgar a alma, vertida pelo ambiente construído, pelas entidades representadas, pela expressividade do ritmo e da melodia, dos sons e das rimas.

Peço que reparem nas alusões ao Céu, ao sonho, à poesia, ao destino, à eternidade, à festa estudantil, como expoente máximo do bem-estar humano.

Peço que reparem, ainda, na fiada de interrogativas retóricas, associadas a anáforas, para enfatizar a figura do homenageado, na mitificação personificada da vida além morte, e em especial na beleza da metáfora saudosista: as lágrimas “são as pérolas do Além”...

*Quem é que até no Céu em amargura e dor  
Não deixa de afogar o seu destino mau  
E tem à nossa Festa ainda tanto amor?  
Quem um momento abandona a Deus Nosso Senhor  
Para nos vir olhar, junto de Nicolau?*

*Quem é o Sonhador, esse Poeta agora,  
 Que outrem não pode ser, tendo o olhar que tem,  
 Onde já brilha a luz da sempiterna Aurora,  
 Que à janela do Céu, vendo-nos hoje, chora,  
 Em lágrimas que são as pérolas do Além?...  
 É o Bráulio, certamente, o artista consagrado,  
 Que a esta Festa emprestou uns vívidos clarões,  
 Juntando ao entusiasmo alegre e descuidado  
 Da nossa Mocidade o encanto delicado  
 E a graça musical dos seus melhores Pregões!*

A segunda passagem é um excerto do Pregão de 1903, na parte em que são interpelados os zabumbas.

Este texto é do mais firme cunho literário. Nele, tudo contribui para o mesmo fim: o enaltecimento das Festas Nicolinas.

Repare-se no ritmo acelerado das frases, para estimular a cadência dos toques e dos passos dos zabumbas e procurar representar, por palavras, os sons que eles produzem.

Repare-se, também, nas exclamativas retóricas, nas apóstrofes, nas hipórbolos, nas anáforas, nas gradações, nas aliterações, na musicalidade sustentada por sons propositadamente duros – tudo isto encaixado numa estrutura formal rigorosa e combinado com elementos da mais pura simbologia Nicolina (amizade, hino, música, caixa e bombo, zabumbas, ruído e festa, São Nicolau).

Repare-se, ainda, no fundamento alegado para a ‘imortalização’ das Festas Nicolinas.

*Amigos, para a frente! O hino é muito tosco,  
 A música é de caixa e bombo e de tambor,  
 Mas faça-se barulho e quanto mais melhor!  
 Amigos, não cansar! Os ecos do zabumba,  
 Capazes de acordar um morto já na tumba,  
 Indo de vale em vale, indo de serra em serra,  
 Digam a Portugal, digam a toda a terra  
 (Que se interroga inquieta a perguntar – Que há?)  
 – Que a festa a Nicolau é viva e viverá!*

## Conclusões

Os Pregões de João de Meira são do que de melhor se escreveu, a esse nível, nas Festas Nicolinas.

E quem diz que as Festas Nicolinas são casuística, anedotário, excessos, bebedeiras, confusão, um amontoado de procedimentos sem sentido... é porque não as conhece, e nunca leu os Pregões Nicolinos, em especial os Pregões escritos por João de Meira.

Alguns, mas felizmente cada vez menos, ainda se atrevem, hoje, a dizer e a escrever tolices dessas; outros, tendo-as escrito, no passado, felizmente que já se regeneraram e se deixaram conquistar.

Sejam bem-vindos, estes, à já muito larga comunidade nicolina, e convertam-se os primeiros à gigantidade etnográfica e cultural que estas Festas representam.

Já é tempo de se acabar com preconceitos e de se olhar, com olhos de ver, este “milagre”, este manancial de humanidade e academicismo que foi dado a Guimarães possuir.

Termino com um último excerto do Pregão de João de Meira, de 1905 – que faço meu, porque o sinto profundamente:

*Enquanto em Guimarães houver um Estudante  
Com força para tocar, com alma, num zabumba,  
A Festa viverá, altiva e triunfante,  
E ninguém poderá acompanhá-la à tumba!*



## Bibliografia

- A.A.E.L.G. (1997). *Pregões de São Nicolau*. Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, Guimarães.
- BAILLY, Anatole (1950). *Dictionnaire Grec-Français*. Hachette, Paris.
- CARVALHO, A. L. de (1956). *O S. Nicolau dos estudantes*. Ed. do Autor, Guimarães.
- FARIA, João Lopes de (s/d.). *Manuscritos de João Lopes de Faria*. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- GOODWIN, William W. (1963). *Greek grammar*. Macmillan, Londres.
- MEIRA, João de (1905). “Festas de São Nicolau”, *Jornal Independente*, 19.11.1905, 26.11.1905, 03.12.1905.
- SILVA, Lino Moreira da (1991). *Guimarães e as Festas Nicolinas*. Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, Guimarães.
- SILVA, Lino Moreira da (1992). *A Senhora Aninhas, mãe dos Estudantes Nicolinos*. Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, Guimarães.
- SILVA, Lino Moreira da (1994). *São Nicolau, a sua Irmandade e a sua capela, na insigne e real Colegiada de Guimarães*. Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães, Guimarães.
- SILVA, Lino Moreira da (2000). *A alma e a graça das Festas Nicolinas*. Ideal Artes Gráficas. [Pinturas de Arménio Sá], Guimarães.
- SILVA, Lino Moreira da (2003). “Verdade e tradição nas Festas Nicolinas”, *Jornal Povo de Guimarães*, 27.11.2003, p.6.
- SILVA, Lino Moreira da (2005). “Das Nicolinas... às Gualterianas”, *Jornal Notícias de Guimarães*, 25.11.2005, p.6.
- SILVA, Lino Moreira da (2010). “A perna mais longa que os passos... A candidatura das Festas Nicolinas a Património Oral e Imaterial da Humanidade”, *Jornal Notícias de Guimarães*, 31.12.2010, p.12.